MINISTÉRIO DA AGRICULTURA ATUALIZA A ESTIMATIVA DO VALOR BRUTO DA PRODUÇÃO

Em 16 de novembro último, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) reestimou o Valor Bruto da Produção (VBP) para este ano, apresentando um montante de R$ 1,151 trilhão. Assim, houve um aumento de R$ 1 bilhão frente à estimativa anterior e um crescimento de 2,2% comparado ao valor observado em 2022. De acordo com o MAPA, os produtos que mais se destacam são a soja, o milho, a cana-de-açúcar, o café e o algodão, lembrando que, juntas, essas culturas representam 81,9% do VBP das lavouras. Vale ressaltar que, de acordo com o Ministério, ainda é cedo para fazer prognósticos para 2024, uma vez que o excesso de chuvas e períodos secos geram grandes incertezas para o setor. No entanto, segundo a pasta, os primeiros prognósticos não são muito otimistas, indicando uma redução de 5,3% para o próximo ano.

2º LEVANTAMENTO DA SAFRA 2023/24 DA CONAB

A produção brasileira de grãos para a safra 2023/24 é estimada em 316,7 milhões de toneladas – uma redução de 1,5% em relação à safra anterior. O 2º Levantamento da Safra de Grãos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) destaca que o plantio avançou em novembro último, mas a área semeada está abaixo do observado no mesmo período do ano anterior, devido às chuvas excessivas no Sul e no Sudeste e às baixas precipitações no Centro-Oeste. A projeção inclui um aumento de 0,5% na área cultivada, totalizando 78,9 milhões de hectares. O presidente da Conab, Edegar Pretto, expressa otimismo em relação à safra, destacando que o Brasil pode ter a segunda maior produção de grãos da história.

BRASIL: ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO NAS SAFRAS 2022/23 E 2023/24

ANO	Área (milhões de hectares)	Produtividade (toneladas por hectare)	Produção (milhões de toneladas)
2022/23	78,5	4,1	321,4
2023/24	78,9	4,0	316,7

Fonte: Conab

PROJEÇÕES DA PRODUÇÃO DE PROTEÍNA ANIMAL

A expansão da produção de grãos no Brasil garante fontes seguras de fornecimento interno de insumos para a alimentação em larga escala de animais. Estima-se que a produção total de carnes aumente cerca de 22,4% entre 2022/23 e 2032/33, com uma produção de 29,6 milhões de toneladas em 2022/23 e de 36,2 milhões de toneladas em 2032/33. O maior aumento deve ocorrer na produção de carne de frango (28,1%), seguida pela de carne suína (23,2%) e pela de carne bovina (12,4%).

Para as exportações brasileiras de carne, estima-se um aumento de 30,8% ao final do período das projeções (11,7 milhões de toneladas) em relação ao ano inicial (9,0 milhões de toneladas). A carne suína deve crescer 33,5%, a de frango, 30,9%, e a bovina, 29,7%.

BRASIL: PRODUÇÃO DE CARNES BOVINA, SUÍNA E DE FRANGO (MILHÕES DE TONELADAS)

ANO	Bovina	Suína	De frango
2023	9,1	5,3	15,2
2024	9,2	5,3	15,7
2025	9,1	5,4	16,4
2026	9,3	5,5	16,5
2027	9,5	5,7	17,1
2028	9,6	5,9	17,3
2029	9,7	6,0	17,9
2030	9,8	6,1	18,1
2031	9,9	6,3	18,7
2032	10,1	6,4	18,9
2033	10,2	6,5	19,5

Fonte: MAPA; Embrapa

QUEDA NO PREÇO DO LITRO DO LEITE AO PRODUTOR

Em setembro último, ocorreu a quinta queda consecutiva do preço do litro de leite ao produtor. Segundo o levantamento do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" da Universidade de São Paulo (Cepea/Esalq/USP), a queda registrada, em relação a agosto, foi de 9,1%, chegando a R$ 2,05 na 'média Brasil' líquida (sem fretes e impostos) – a menor cotação verificada no ano. A contração é explicada pelo enfraquecimento do consumo, pelo aumento das importações e pela diminuição dos custos de produção. Acrescenta-se que, mesmo na entressafra, o preço médio do leite cru ao produtor manteve-se em desvalorização, ao contrário do esperado para o período. Ao observar a variação nos últimos doze meses (setembro de 2022 até setembro último), o valor do preço médio do litro de leite pago ao produtor ficou 31,54% menor em termos reais.

PREÇOS LÍQUIDOS NOMINAIS DO LEITE CRU CAPTADO EM SETEMBRO DE 2023 NOS ESTADOS QUE COMPÕEM A 'MÉDIA BRASIL'

REGIÃO	Preço líquido médio (R$)	Var. mensal do preço líquido médio
Média Bahia	2,09	-0,30%
Média Goiás	1,99	-10,39%
Média Minas Gerais	2,09	-10,25%
Média São Paulo	2,29	-9,29%
Média Paraná	2,05	-9,24%
Média Santa Catarina	1,92	-8,34%
Média Rio Grande do Sul	1,93	-5,49%
MÉDIA BRASIL	**2,05**	**-8,85%**

Fonte: Cepea/Esalq/USP

BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO

A balança comercial do agronegócio encerrou, em outubro último, com um saldo superavitário de US$ 11,85 bilhões, apresentando uma redução de 3,3% em relação ao mesmo mês de 2022. O montante de exportações do setor alcançou US$ 13,21 bilhões, enquanto o de importações foi de US$ 1,36 bilhão. Na comparação interanual, o fluxo comercial das exportações desacelerou em 3,5%, enquanto as importações registraram uma queda mais expressiva no mesmo período, chegando a 4,9%. Ao considerar o valor acumulado nos últimos doze meses, o superávit do agronegócio brasileiro atingiu US$ 145,06 bilhões, refletindo um aumento de 6,2% em comparação ao mesmo período do ano anterior. Essa melhoria é um resultado do aumento de 5,2% nas exportações acumuladas, combinado à diminuição de 3,1% nas importações acumuladas do setor.

ACESSE O NOSSO SITE PARA LER AS EDIÇÕES DA **AGROANALYSIS** GRATUITAMENTE: **AGRO.FGV.BR**

A **AGROANALYSIS** É UM DOS MAIS IMPORTANTES VEÍCULOS FORMADORES DE OPINIÃO NO **SETOR DO AGRONEGÓCIO.**



SÃO MAIS DE **40 ANOS NO MERCADO** GARANTINDO A **QUALIDADE DA INFORMAÇÃO** QUE CHEGA ATÉ VOCÊ!

ENCONTRO DO ITAÚ BBA E DO FGV AGRO

Em 1º de dezembro, o Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro) e o Itaú BBA realizaram um encontro para promover o lançamento do estudo "Quantificação das emissões de GEE no setor agropecuário: fatores de emissão, métricas e metodologias", desenvolvido pelo Observatório de Conhecimento e Inovação em Bioeconomia (OCBio/FGV). O evento contou com a participação de diversos especialistas no assunto, visando contribuir com o aprimoramento dos fatores de emissão e remoção de gases do efeito estufa (GEE) no setor agropecuário brasileiro. O Brasil enfrenta desafios fundamentais, incluindo a necessidade de um entendimento mais profundo dos conceitos-chave relacionados ao carbono e à busca por métricas e metodologias de contabilização de emissões que levem em consideração as características únicas do País.

A falta de uma "régua brasileira" para a contabilização de emissões, que leve em conta as particularidades do clima e as práticas de manejo e de plantio em diferentes regiões do Brasil, pode prejudicar o cálculo preciso da contribuição desses setores para o aquecimento global e, consequentemente, a elaboração de políticas públicas eficazes de mitigação.

Acesse o estudo completo por meio do QR *code* a seguir:

WEBINAR "JULGAMENTO DE IDENTIDADE ECOLÓGICA PARA CRITÉRIO DE COMPENSAÇÃO FLORESTAL NO STF"

A falta de um conceito objetivo de identidade ecológica tornará o procedimento de compensação no órgão ambiental subjetivo, com difícil previsibilidade de precificação e mensuração dos títulos, o que pode ocasionar o aumento do desmatamento legal, devido às incertezas acerca da compensação. Além disso, a incerteza também estende-se à retroatividade da decisão, criando uma insegurança jurídica para os Termos de Compromisso de compensação de Reserva Legal (RL) já firmados e transacionados entre partes e órgãos ambientais estaduais.

Nesse sentido, em 6 de novembro último, o OCBio promoveu o *webinar* "Julgamento de identidade ecológica para critério de compensação florestal no STF". O debate contou com a abertura de Roberto Rodrigues, professor emérito da FGV, e a moderação de Leonardo Munhoz, pesquisador do OCBio.

Houve, ainda, a participação dos palestrantes Maximiliano Tamer, assessor parlamentar no Senado Federal e ex-consultor jurídico do então Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Cristina Leme Lopes, gerente sênior de Pesquisa do Programa de Direito e Governança do Clima na Climate Policy Initiative (CPI) Brasil, José Felipe Ribeiro, pesquisador da Embrapa Cerrados, Jaime Verruck, secretário da Secretaria de Meio Ambiente, Desenvolvimento, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de Mato Grosso do Sul (SEMADESC), e Plínio Ribeiro, cofundador e CEO da Biofílica Ambipar Environment.

Assista ao *webinar* completo por meio do QR *code* a seguir:

VOTAÇÃO DO MERCADO DE CARBONO NA CÂMARA E A EXCLUSÃO DO AGRO

Em entrevista ao canal AgroMais, Talita Priscila Pinto, pesquisadora do OCBio, analisou a votação da regulamentação do mercado de carbono na Câmara e as implicações da exclusão do agronegócio. A pesquisadora ressaltou a necessidade de criação de métricas de mensuração de GEE que sejam tropicalizadas, ou seja, adaptadas ao contexto brasileiro.

Acesse a entrevista na íntegra por meio do QR *code* a seguir:

AGROINDÚSTRIA SINALIZA QUE TERMINARÁ O ANO EM CAMPO POSITIVO

De acordo com o Índice de Produção Agroindustrial (PIMAgro), do Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro), a produção física da agroindústria cresceu 2,5% em agosto último frente ao mesmo mês de 2022. Com isso, foi o melhor mês de agosto desde 2017.

O desempenho positivo só foi possível por conta do segmento de produtos alimentícios e bebidas, cuja alta foi de 6,2%, representando o melhor crescimento para o mês desde 2012. Dentro desse segmento, o destaque foi o setor de produtos alimentícios, que expandiu 7,6%, puxado tanto pelo crescimento de alimentos de origem animal (+3,7%), como – e sobretudo – pelo de alimentos de origem vegetal (+15,8%).

Já o segmento de produtos não alimentícios contraiu 1,7% frente ao mesmo mês de 2022. Os principais destaques negativos, por conta da taxa de variação e do peso dentro do segmento, foram os setores de insumos agropecuários (-8,8%), produtos têxteis (-3,8%) e produtos florestais (-3,7%).

A agroindústria acumulou, no ano (até agosto) uma queda de 0,4%. Considerando que essa foi a menor contração dos últimos sete meses, tudo indica que, se o setor continuar reagindo dessa forma, concluirá o ano no positivo.

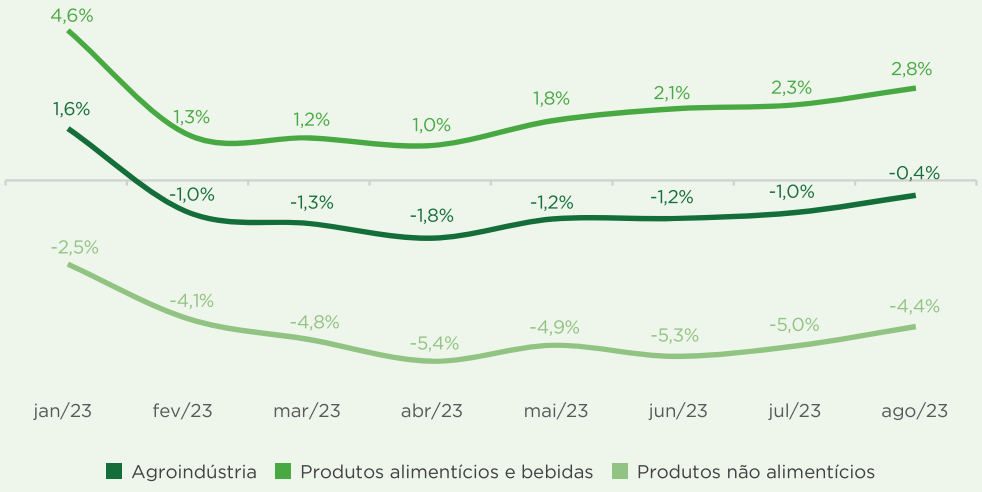
Desta forma, ressalta-se que o segmento de produtos não alimentícios não consegue entrar em uma trajetória robusta de crescimento por conta de fatores estruturais que afetam o setor de produtos têxteis (maior concorrência chinesa, por exemplo) e de outros fatores conjunturais que impactam, notadamente, os setores de insumos agropecuários (elevados estoques) e produtos florestais (queda nas exportações). Porém, a situação fica um pouco mais confortável no segmento de produtos alimentícios e bebidas, que conta com um maior arrefecimento da inflação (viabilizado pela supersafra brasileira).

No ano (até agosto), a produção agroindustrial acumulou uma queda de 0,4% (isto é, janeiro a agosto últimos frente ao mesmo período do ano anterior). Apesar de ainda ser um resultado negativo, essa é a menor contração já observada nos últimos sete meses. Ou seja, ao menos lentamente, a agroindústria vem reagindo e, se continuar nessa tendência, deverá terminar o ano fora do campo negativo.

Diante disso, para que a agroindústria termine este ano com uma produção física igual à de 2022 (ou seja, com uma taxa de crescimento anual de 0,0%), é necessário que, no próximo quadrimestre (setembro a dezembro deste ano), esse setor cresça 0,8% em comparação ao mesmo período de 2022. Provavelmente, isso deverá ocorrer, porém esse crescimento deverá acontecer por conta, exclusivamente, do segmento de produtos alimentícios e bebidas, uma vez que, dificilmente, o de produtos não alimentícios registrará expansão neste ano.

AGROINDÚSTRIA E OS SEUS SEGMENTOS: VARIAÇÃO ACUMULADA NO ANO (%)

No período de janeiro a agosto deste ano, o setor agroindustrial acumulou uma queda de 0,4%, a menor contração já observada nos últimos sete meses.



Fonte: FGV Agro, com base nos dados da PIM-PF/IBGE